

# VOZ OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

nº 126 - Julho de 1976 - Crs 1,00

## O XI CONGRESSO DOS COMUNISTAS BULGAROS:

Balanco do caminho percorrido e abertura de novos horizontes na construção do socialismo avançado.

à pag. 5

## EDITORIAL

### Eleições: iniciativa e espírito criador para vencer os obstaculos levantados pela ditadura fascista

Com inteira razão, a ditadura militar-fascista pode revindicar para si, parodiando, às avessas, frase de antigo Presidente da República, a «glória» de haver imposto à Nação 50 anos de retrocesso político e social. Como era de lei, décadas atrás, também agora as eleições devem ser ganhas forçosamente pelo governo, queira ou não o eleito. Presidentes e governadores são impostos pelo «Sistema», como antes o eram pelo velho Palácio das Águias. A antiga degola dos oposicionistas eleitos, antes realizada numa única oportunidade — quando do reconhecimento dos mandatos — agora é permanente. Os comícios da oposição voltaram a ser casos de polícia, tratados a pata de cavalos e a dente de cão.

No campo social, basta recordar a liquidação *de fato* da jornada de oito horas e do gozo de férias anuais — com a violenta rebaixa dos salários reais, variando entre 30, 50 e mais por cento, o trabalhador se vê diante da necessidade de vender suas férias e trabalhar, em média, 10 horas por dia —; o gritante pioramento da qualidade da vida, de que são sintomas o aumento da mortalidade infantil, a maior incidência de doenças e epidemias e as cifras recórcordes de acidentes de trabalho — o Brasil é campeão mundial neste particular, outra «glória» da ditadura —; e a diminuição para 12 anos da idade mínima para o trabalho do menor, voltando assim a ser legal a exploração do trabalho infantil.

Com uma mentalidade assim retrógrada e obscurantista, não causa surpresa o projeto de lei sobre o uso do rádio e da televisão na campanha eleitoral, enviado ao Congresso pelo general Geisel. E tal o horror da ditadura por tudo quanto signifique movimento e progresso social que por essa lei a utilização da televisão — um meio de comunicação de massa essencialmente dinâmico — terá de ser rigorosamente estática: retrato do candidato, qualificação, legenda e número de inscrição. E nada mais. Como com propriedade fez notar um comentarista político da imprensa diária, com nova lei não retroagimos ao tempo do cinema mudo, que neste, ao menos, havia movimento e música, mas aos tempos mais recuados da lanterna mágica...

Engana-se, porém, o general Geisel, se calcula que, obstruindo os canais de comunicação da oposição com o eleitorado, vai desorientar este último e levá-lo a abster-se ou a

à pag. 2

## AMERICA LATINA

Vaga de terror no continente exige aumento da solidariedade. Denúncia dos planos do imperialismo no Continente e do papel de gendarme reservado ao Brasil.

— Artigo do camarada Prestes sobre as provocações contra a Guiana, à pag. 2

Jamaica: desestabilização para provocar a derrota da política avançada de Manley à pag. 3

— Repressão na Nicarágua, Paraguai e Chile à pag. 4

## SALARIO:

Sob a ditadura dos monopólios mais trabalho e menos salário para o povo brasileiro

à pag. 8

## PAZ MUNDIAL:

Um basta à carreira armamentista: este o conteúdo do apelo feito pelo Conselho Mundial da Paz à pag. 6

\*\*\*\*\*

## INTERNACIONAL

CNUCEC: O fracasso da ordem capitalista mundial. Para as matérias primas, os países subdesenvolvidos pedem preços estáveis, justos e remuneradores à pag. 7

\*\*\*\*\*

## CAMPANHA NACIONAL DE FINANÇAS

Colaborar financeiramente com o PCB é importante forma de lutar contra o fascismo no Brasil, fazendo da campanha um trabalho político de esclarecimento das massas, unificado-ase organizando-as em torno da Plataforma Antifascista proposta pelo nosso Partido

**LEGALIDADE PARA TODOS OS PARTIDOS POLITICOS**



## editorial

continuação da pag. 1

votar em branco, em novembro, ensejando deste modo a vitória da Arena. 1974 não foi produto de nenhuma manobra de envolvimento dos eleitores pela oposição, nem resultado de «facilidades» concedidas pela ditadura para a campanha eleitoral. Ele foi o brado de CHEGA! proferido por milhões de brasileiros, cansados da exploração sem limites, da falta de liberdades, das cassações de mandatos, da guerra civil interminável que o regime move contra o povo, com prisões, torturas, sequestros e assassinatos. O regime instaurado em 64 prometeu liquidar a inflação e valorizar o salário do trabalhador, mas a primeira tornou-se crônica e voltou a ganhar novo impulso e os segundos se aviltam em ritmo crescente a cada dia que passa. Prometeu reforma agrária e terra para os camponeses sem trabalho, mas deixa e ajuda a expulsar dezenas de milhares de posseiros da faixa da chamada «fronteira agrícola», cujas terras são entregues a grandes empresas capitalistas nacionais e estrangeiras. Prometeu desenvolver a economia e entregou aos monopólios estrangeiros o controle da economia nacional, promoveu uma industrialização deformada, no interesse exclusivo das multinacionais e encafoçou o país com dívidas, levando-o à crise e à beira da insolvência. Prometeu restaurar a democracia e instaurou o fascismo. Novembro de 1974 foi a resistência nacional a tudo isso.

Hoje, está muito mais forte e consolidado o sentimento de oposição da grande massa de nosso povo, em particular da classe operária. Não por acaso é unânime a previsão dos analistas políticos não comprometidos com o regime de que, a derrota deste, nos centros de formação da opinião pública nacional será agora mais fragorosa ainda do que a de dois anos atrás. Não devem por isso desanimar as forças da oposição, diante das dificuldades que o regime interpõe ao seu trabalho de propaganda eleitoral. A cada canal de comunicação obstruído pela ditadura devem elas fazer uso de iniciativa e espírito criador e estabelecer novas formas de contato com o eleitorado. Cada comunista, cada antifascista, cada ativista político da oposição deve dar o melhor de si mesmo nestes meses de campanha, manter viva a ligação com o eleitorado, muito particularmente com os operários e os jovens em geral.

Não há por que as forças de oposição temerem uma vitória eleitoral esmagadora contra a ditadura, não há por que temerem as ameaças desta de «virar a mesa» no caso de perder. É imenso o potencial de luta democrático e patriótico de nosso povo, que será liberado com uma nova e mais retumbante vitória eleitoral e é inevitável que este fato lance a confusão e aprofunde as divergências e divisões já existentes nas forças de sustentação econômica, política e militar da ditadura. O regime não tem condições de sair ileso de uma nova e maior derrota eleitoral.

### IMPORTANTE

É imprescindível para a luta da classe operária e de todo o povo brasileiro, a divulgação clandestina de Voz Operária.

LEIA V.O. E PASSE PARA A FRENTE!

## AMERICA LATINA:

### APÊLO DOS COMUNISTAS BRASILEIROS À SOLIDARIEDADE CONTINENTAL CONTRA O IMPERIALISMO E O FASCISMO

- *Artigo do camarada Prestes sobre as provocações contra a Guiana, à pag. 2*
- *Jamaica: desestabilização para provocar a derrota da Política avançada de Manley, à pag. 3*
- *Repressão na nicaragua, Paraguai e Chile, à pag. 4*

### A ditadura de Geisel Ameaça Agredir a Guiana

por Luiz Carlos Prestes

Em 26 de maio do corrente ano, comemoraram o povo e o governo da ex-Guiana Inglesa, hoje República Cooperativa da Guiana, o décimo aniversário de sua independência do colonialismo inglês. A data foi celebrada pelo governo da Guiana com a nacionalização do maior monopólio estrangeiro do país, a **Brokers McConnell Company**, que durante mais de 160 anos explorou brutalmente o povo guianense e cuja produção representava atualmente mais de 40% do produto bruto nacional.

Sob o atual governo do Primeiro Ministro Forber Burnham, a Guiana, um pequeno país de 215 mil quilômetros quadrados, com uma população de apenas 800 mil habitantes, toma pelo caminho de um desenvolvimento não-capitalista. Mantendo as melhores relações de amizade com o povo de Cuba Socialista e com a colaboração fraternal do governo cubano e de outros países socialistas, a Guiana progride e avança no sentido da construção da sociedade socialista.

Os monopólios imperialistas, principalmente os norte-americanos, que esperavam, com a independência política do país do jugo colonialista, poder submeter a Guiana ao neocolonialismo, sentem-se frustrados, prejudicados. Há alguns anos já, tratam de manter a República Cooperativa da Guiana sob sua mira e contra ela mobilizam a CIA e ameaçam o governo constitucional do país, fazendo esforços pela sua desestabilização. Simultaneamente voltam a atacar Cuba Socialista.

Presentemente, lança novamente o imperialismo ianque, utilizando-se do pretexto da ajuda fraternal de Cuba à luta do povo de Angola contra a agressão armada dos mercenários mobilizados pelos Estados Unidos, Grã Bretanha e África do Sul, uma nova campanha de ameaças a Cuba.

Foi em relação estreita com isto que o sr. Henry Kissinger empreendeu, em fevereiro último, sua visita ao Brasil e a mais cinco países da América Latina. Como escreve o diário brasileiro **O Estado de São Paulo**, de 22 de fevereiro último, jornalistas norte-americanos apontam o problema cubano como um dos objetivos primordiais da visita de Kissinger ao Brasil. Para os jornalistas dos Estados Unidos, a mensagem do Secretário de Estado ao governo brasileiro foi clara: «Bem-vindo ao mundo dos grandes. Sua ajuda ao policiamento do mundo será muito útil.» A opinião desses jornalistas é que Kissinger parte com a ajuda brasileira assegurada. Ele teria recebido garantias de que a decisão norte-americana de enfrentar intervenções armadas de Cuba contará com o apoio incondicional do Brasil.

E foi exatamente logo após essa visita do sr. Kissinger ao Brasil que a imprensa brasileira desencadeou uma bem orquestrada provocação contra a República da Guiana, procurando apresentar aquele pequeno país fronteiriço com o Brasil, como uma suposta base militar cubana. Tentava criar, assim, um clima de histeria guerreira, a pretexto de que a Guiana estaria desarmando o pa-

A TERRA A QUEM NELA TRABALHA!



pel de ponta-de-lança de Cuba e do «comunismo internacional» na América do Sul e que, portanto, o Brasil estaria ameaçado de invasão.

Trata-se evidentemente de uma tentativa de isolar o governo progressista do Primeiro Ministro Forbes Burnham e de buscar argumentos que justificassem a desestabilização daquele governo, e, através de uma agressão armada do Brasil, atentar contra a soberania do povo guianense.

Mas, se, de um lado, é evidente que a pequena Guiana não está ameaçando a soberania do Brasil, de outro, não se pode deixar de levar em conta a chamada «doutrina de segurança nacional», proclamada pelo regime militar-fascista dominante no Brasil, «doutrina» também conhecida pela denominação de «fronteiras ideológicas», a qual afirma não poder o Brasil admitir em sua vizinhança imediata nenhum país socialista, ou mesmo apenas efetivamente democrático e progressista, logo considerado uma ameaça para o regime dominante no Brasil.

Tinha, por isso, inteira razão o Primeiro Ministro Burnham quando declarava ao jornal «El Nacional», de Caracas, «possuir provas de que os Estados Unidos têm interesse em criar dificuldades ao seu governo e que o Brasil aumentou os efetivos de suas tropas na fronteira de seu país». Na mesma entrevista, declarava o governante da Guiana «que a campanha de imprensa contra seu governo é uma resposta à decisão da Guiana de avançar no caminho do socialismo». (Transcrito em «L'Unità», Roma, 22 de junho de 1976). Por sua vez o embaixador da Guiana em Havana, Frank Campbell, respondendo às perguntas de um jornalista, referia-se às medidas que estão sendo tomadas na Guiana para responder à essa agressão do exterior. «Em primeiro lugar — disse o embaixador Campbell —, temos que unificar nosso povo, se devemos enfrentar esta agressão imperialista... O segundo aspecto — agregou — de nossa preparação é o de informar a nosso povo acerca da seriedade, assim como da natureza dessa ameaça... E, em terceiro lugar, estamos organizando

uma milícia popular, em alguma forma talvez similar aos Comitês de Defesa da Revolução...». (publicado na revista «Bohemia», de Havana, 28 de maio de 1976). O embaixador refere-se aos CDR — poderosa organização de massas existente em Cuba.

É evidente que o imperialismo e com ele o regime dominante no Brasil, teme a influência do exemplo da Guiana de nacionalizar as empresas imperialistas que exploram seu povo, ao construir uma nova vida com a ajuda de Cuba e dos países do sistema socialista mundial, ajuda que o imperialismo sempre se recusou a lhe conceder.

Por mais inverossímil que possa parecer uma ação agressiva do Brasil à pequena Guiana, essa ação armada está perfeitamente dentro da lógica do imperialismo, que fez do Brasil o seu gendarme. E tem precedentes em acontecimentos recentes, como a participação militar do Brasil na agressão lanque ao povo dominicano, na preparação e desfecho do golpe militar contra o governo progressista do general Torres na Bolívia, na ajuda a Bordaberry no Uruguai e no apoio que dá à tirania de Pinochet, além de seu expansionismo econômico nos países vizinhos, principalmente no Paraguai, na Bolívia e no Uruguai, como é do interesse dos monopólios nacionais e estrangeiros dominantes no Brasil e ao serviço dos quais está a ditadura do sr. Ernesto Geisel.

Cabe ao povo brasileiro manter-se vigilante contra a realização pelo governo brasileiro desse sinistro intento de uma agressão ao povo irmão da Guiana. Contra semelhante crime, é indispensável lutar, intensificando o combate ao fascismo e pela derrota da ditadura. Ao denunciar o atentado que a ditadura brasileira prepara contra mais um povo vizinho irmão, os comunistas brasileiros chamam a classe operária e demais patriotas e democratas à unidade numa ampla frente antifascista e patriótica e à ação contra a tirania que nos oprime e nos humilha. Simultaneamente, é necessário exigir da tirania que cesse a corrida armamentista, utilizando os recursos hoje empregados na

compra de armamentos e na tentativa de fabricar a bomba atômica, em benefício do povo, no socorro eficiente aos flage-

lados da seca e da infância abandonada e desnutrida. O povo não quer guerra, quer pão, terra e liberdade.

## Jamaica: Desestabilização para provocar a derrota da política avançada de Manley

«O imperialismo e o capitalismo que escravizaram nossos pais, não escravizarão nossos filhos»

A desestabilização é meio a que recorre o imperialismo lanque para executar sua estratégia contra-revolucionária ali onde surge um governo progressista que começa a limitar a ação expropriadora do capital monopolista. A desestabilização tem uma origem bem conhecida: o trabalho subversivo e desagregador da CIA. Produto desse casamento perfeito da reação interna e da espionagem da Agência Central de Inteligência, um dos alvos principais da desestabilização é, atualmente, liquidar os governos populares de Caribe, isto é, os governos de Jamaica e da Guiana.

Todos os processos desestabilizadores tramados por Washington nos últimos anos foram dirigidos, obviamente, contra partidos de esquerda e movimentos progressistas. O Chile, durante o governo da Unidade Popular, é o exemplo mais típico.

A desestabilização, como se depreende da própria palavra, procura romper o equilíbrio de um determinado país usando vários métodos. Lança mão do bloqueio econômico, da suspensão de créditos financeiros, de campanhas de desinformação através da imprensa reacionária, de engodos que estimulam a desunião de quem deve estar unido, de atentados contra dirigentes revolucionários e de sabotagem de ramos fundamentais da produção. Ao mesmo tempo, facilitam-se recursos econômicos e militares abundantes a elementos da direita, comprometidos com a oligarquia. Em repetidas ocasiões, se promove a desordem e a desobediência às autoridades legitimamente constituídas. Isso foi o que vimos no

Chile, e é o que se repete hoje em Jamaica.

No momento, o governo jamaicano, encabeçado pelo primeiro ministro Michel Manley, está respondendo uma por uma às manobras do inimigo. A convocação de reservistas do exército, o estado de emergência decretado e outras medidas em curso caracterizam a decisão das forças democráticas de se defenderem da conspiração orientada pela CIA.

O objetivo da desestabilização em Jamaica é claro: a derubada do governo legítimo e popular de Manley, que é, ao mesmo tempo, o dirigente máximo do Partido Nacional popular (PNP).

E por que esta conspiração contra o governo de Manley? A pergunta, que tem várias respostas, pode, de uma maneira geral, ser esclarecida assim: o comploté direitista contra o governo jamaicano surgiu como consequência da linha política independente, soberana e popular que ele executa.

Os inimigos do povo jamaicano conspiram contra o governo porque este quer converter as cinco maiores minas do país em empresas estatais, nacionais; porque tomou medidas populares para enfrentar as dificuldades que assola a economia nacional; porque Manley pediu impostos mais altos para a exportação de bauxita; porque se deu passos firmes para ampliar as relações comerciais, com objetivo de diminuir a dependência da Jamaica aos mercados capitalistas, especialmente ao norte-americano; porque Manley declarou que seu país estará sempre do lado das nações que lutam contra o imperialismo. E mais ainda: por-

**ANISTIA PARA TODOS OS PRESOS POLITICOS!**



que o governo defende os pobres, promoveu o desenvolvimento agro-industrial do país e criou 87 mil novos empregos. E, finalmente, porque Manley, em decisão soberana, aprofundou suas relações com Cuba socialista, elevando, em 1972, sua representação diplomática a nível de embaixada.

A onda de violência contra a Jamaica deixou, nos últimos meses, um saldo de mais de 70 mortos. O terror direitista, que não pode ocultar a paternidade da CIA, tenta, além disso, dar uma imagem de insegurança do país, com o fim de afastar de Jamaica os turistas estrangeiros, golpeando desse modo a terceira fonte de ingresso de divisa na ilha.

O imperialismo yanque tomou também medidas contra a indústria açucareira jamaicana, provocou baixa na produção nacional de bauxita, fechamentos parciais das minas, suspensão de trabalho e desemprego para os trabalhadores.

As forças internas e externas empenhadas na desestabilização de Jamaica esforçam-se para apresentar as dificuldades do país como resultantes da rivalidade de correntes polí-

ticas antagônicas, quando na realidade os acontecimentos que estão ocorrendo expressam, antes de qualquer outra coisa, a ação contra-revolucionária da CIA.

Nesse contexto, a direita organizada no Partido Laborista difunde mentiras sobre a ação do governo e procura intrigar amplos setores do país com o trabalho do primeiro ministro. No seu desespero, a reação pratica crimes inqualificáveis, como o incêndio que destruiu 223 habitações e provou 11 mortes, entre as quais 8 crianças.

Assim age a reação. Mas o povo de Jamaica está firme em seu apoio às medidas avançadas tomadas pelo governo. E se orienta, nessa luta de vida ou morte, pelas palavras do primeiro ministro Manley: «O imperialismo e o capitalismo que escravizaram nossos pais, não escravizarão nossos filhos».

O povo brasileiro, que conheceu o papel da desestabilização na preparação do golpe de direita de 1964, tem, como todos os seus irmãos da América Latina, firmes razões para expressar sua solidariedade ao povo de Jamaica em sua luta pela democracia e a libertação nacional.

## Vaga de terror no continente exige aumento da solidariedade

**Somoza ameaça vida de dirigente comunista da Nicarágua** — O líder comunista da Nicarágua, Luiz Sanchez, preso em maio deste ano, vem sendo submetido a torturas brutais.

A informação, publicada no *Daily World* (2.VI.76), esclarece que o primeiro secretário do Partido Socialista Nicaraguense foi sequestrado pela polícia do ditador Anastasio «Tacho» Somoza, que o mantém até a atual data na mais absoluta incomunicabilidade. Todas as tentativas feitas para localizar o dirigente comunista — afirma um comunicado do PSN — foram infrutíferas. O regime militar, que domina o País há quarenta anos, tem negado, sistematicamente, a prisão de Sanchez.

Segundo o mesmo comunicado dos comunistas nicaraguenses, citado pelo jornal americano, fracassaram todas

as tentativas da ditadura para quebrar a resistência e desmoralizar o secretário do PSN. Diante de sua firmeza e da ampliação do movimento de solidariedade, o ditador Somoza está manobrando a fim de encontrar uma justificação «legal» para assassiná-lo. O plano é simples, desprovido de qualquer imaginação: a ditadura trama levar o líder comunista a um tribunal militar. E caso isso ocorra, não se tem dúvidas sobre qual será o veredicto da «justiça» de «Tacho» Somoza: a condenação à morte de Luiz Sanchez.

Somente um amplo movimento de solidariedade, do qual participem democratas e antifascistas de todo o mundo, pode deter o braço do carrasco e salvar a vida do dirigente comunista da Nicarágua. O apelo feito nesse sentido pelo *Daily World* deve ser ouvido por to-

dos os comunistas e democratas brasileiros.

**Nova escalada repressiva de Stroessner no Paraguai** — Uma nota do Partido Comunista Paraguai pede solidariedade para as vítimas da repressão e informa sobre fatos que caracterizam nova onda repressiva no país.

«Nos últimos meses — diz a nota — desabou sobre o movimento operário, popular e democrático de nosso país uma nova onda de repressão. Anteriormente, o regime ditatorial já havia feito vítimas entre os camponeses de Jejuí, Misiones, Yhú, Acaray e outras regiões do país. Nessa ocasião, foram assaltados e sangueados lares de trabalhadores, de estudantes, de intelectuais e de comerciantes.

Durante esses ataques, foi detido o camarada Miguel Angel Soler, Secretário do Comitê Central de nosso partido. Tanto sobre ele como sobre os demais militantes presos não foi dada nenhuma informação oficial.

Esta circunstância anormal, criou um justo alarme nos meios políticos democráticos, de vez que encerra uma clara ameaça à segurança e vida dos detidos, muitos dos quais estão sendo submetidos a torturas cruéis e humilhações de toda espécie, com a participação direta da Seção Especial da CIA norte-americana na polícia paraguai.

O PC paraguai acha que todos esses fatos — conclui a nota — confirmam a constante denúncia de nosso partido sobre a tendência a acentuar-se os traços mais reacionários e entreguistas do regime».

**Angela Davis pede solidariedade em nome da National Alliance Against Racist and Political Repression** — A dirigente comunista norte-americana Angela Davis, há quatro anos arrancada da prisão por um amplo movimento de solidariedade, fundou, logo depois de sua libertação, a *National Alliance Against Racism and Political Repression*, cujo objetivo primordial é organizar a luta em favor das vítimas da reação antidemocrática e racista. E' nesse sentido que a *Alliance* se empenha, no momento, numa vasta campanha nacional e mundial para libertar o

pastor protestante Ben Chavis (condenado, na Carolina do Norte, a 34 anos de prisão) e o dr. Jim Grant (condenado a 25 anos). Estes dois valentes dirigentes do povo negro dos Estados Unidos foram condenados pelo fato — imperdoável para os racistas da *Ku Klux Kan* — de haverem dirigido um movimento de massa pela igualdade de direito à educação para os negros da Carolina do Norte. Com eles, foram presos e condenados muitos outros militantes antiracistas. A campanha pela liberdade desses lutadores popularizou-se nos EUA como «The Wilmington 10» (Os dez de Wilmington) e «The Charlotte 3» (Os 3 de Charlotte). Angela Davis finaliza seu apelo com uma indicação concreta:

«Pedimo-lhes, particularmente, em que se faça do dia 7/Set./1976 um dia de Solidariedade Internacional com os "10 de Wilmington" e "Os 3 de Charlotte"».

**1000 dias de prisão de Corvalan** — O dirigente comunista chileno completou, não faz muito, mil dias nos calabouços da ditadura fascista de Pinochet. O fato deu motivo a uma reanimação da luta pela liberdade de Corvalan e de ampliação da solidariedade com todas as vítimas da repressão no Chile. Isso é tanto mais importante quando sabemos da nova vaga de repressão desencadeada por Pinochet, por ocasião da assembleia da OEA. Importantes personalidades da oposição antifascista foram presas ou sequestradas. Entre elas, estão os dirigentes comunistas Víctor Díaz, Mario Zamorano e Jorge Muñoz. Como ocorre no Brasil, as pessoas desaparecem, são assassinadas friamente, à margem de qualquer formalidade jurídica. Os democratas e antifascistas de todas as partes do mundo têm o dever de fortalecer a solidariedade a essas novas vítimas.

Os comunistas e democratas brasileiros, que há 12 anos conhecem na própria carne a violência do poder fascista, têm a obrigação de unir seu protesto aos de todo o mundo contra a repressão que, comandada pela CIA, espalha-se por todo o continente, principalmente no Chile, Uruguai, Bolívia, Paraguai e em nosso próprio país.



# O XI CONGRESSO DOS COMUNISTAS BULGAROS:

## Balanco do caminho percorrido e abertura de novos horizontes na construção do socialismo avançado

De 29 de março a 2 abril reuniu-se em Sofia o XI Congresso do Partido Comunista Búlgaro. O camarada Todor Jivkov, Primeiro Secretário do CC do PCB apresentou o «Informe do Comitê Central do Partido Comunista Búlgaro sobre o período entre o X e XI Congresso e as tarefas imediatas», que, em pequeno resumo, apresentamos a seguir.

### INFORME DO CAMARADA JIVKOV

Passaram-se cinco anos desde o histórico X Congresso do Partido, o primeiro lustro após a aprovação do Programa partidário de edificação da sociedade socialista desenvolvida na República Popular da Bulgária.

Nosso Partido e nosso povo encontram-se sob o extraordinário influxo do XXV Congresso do Grande Partido de Lenin, abandeirado da humanidade na época de transição do capitalismo ao socialismo. Não há dúvida alguma de que o brilhante Informe do camarada Leonid Ilich Brejnev e as resoluções do XXV Congresso não apenas serão um guia para a ação e um fator inspirador para o povo soviético na construção da sociedade comunista, mas que reforçarão também a confiança no futuro, injetarão novas forças em milhões de pessoas honradas em todo o mundo que lutam contra a guerra, pela liberdade e a independência, pela democracia e o progresso social, pelo socialismo.

### I - A situação no mundo e a atividade internacional do P.C. Búlgaro.

Se procuramos o traço principal, determinante do desenvolvimento mundial no lapso entre o X e XI Congressos do Partido — continua T. Jivkov — veremos que, indiscutivelmente, está ele na mudança da correlação de forças a favor da paz e democracia e o socialismo. Os países socia-

listas irmãos conquistaram novos e importantes êxitos em todos os domínios da vida.

Da tribuna do XI Congresso declaramos de novo em alta voz, nós, comunistas búlgaros, os trabalhadores búlgaros, todo o povo búlgaro que não podemos imaginar outro caminho para edificar na Bulgária a sociedade socialista desenvolvida e mais tarde também o comunismo, que não seja o de seguirmos ombro a ombro com nossos irmãos e irmãs soviéticos, dentro da cooperação multilateral a mais estreita com o partido de Lenin, com a aproximação a mais completa, mais orgânica da República Popular da Bulgária com a grande União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Fiel a suas tradições revolucionárias, o Partido dos comunistas búlgaros continuará contribuindo para o exame e

a solução coletiva dos problemas atuais do mundo contemporâneo e do processo revolucionário mundial, para a intensificação e a consolidação da fraternidade comunista. O PCB estima que amadureceram as condições para preparar e realizar uma nova conferência mundial dos partidos comunistas e operários.

### II - A política e as tarefas do Partido nas esferas da economia e do progresso técnico-científico.

O progresso alcançado desde o X Congresso do Partido nos terrenos da economia, a ciência e a técnica comprovam que nosso povo, sob a direção do PCB elevou-se a uma nova altura na construção da sociedade socialista desenvolvida. Aumentaram sensivelmente a potência econômica e a capacidade defensiva do país. Multiplicou-se a contribuição da

ciência ao florescimento material e espiritual do país.

A economia se desenvolveu de forma dinâmica e pelo seu ritmo de desenvolvimento ocupou a Bulgária um dos primeiros lugares no mundo. Aumentou de 46% a renda nacional. A produção social do trabalho registrou um aumento superior a 44%.

As mudanças qualitativas na estrutura da produção caracterizaram-se pelos seguintes dados: a correlação da produção industrial e agrícola passou de 77,1/22,9 para 81,2/19,8 por cento, com a particularidade de que a parte correspondente à indústria na renda nacional produziu aumento de 49% em 1970 para 54,6% no ano de 1975.

O CC do PCB submeteu a exame e aprovação do Congresso o projeto, «Orientações fundamentais do fomento sócio-econômico da Bulgária no sétimo quinquênio».

A primeira coisa que devemos fazer agora é abordar mais amplamente a concentração, especialização e modernização da produção.

Em segundo lugar, é necessário lutar por economizar trabalho, matérias primas, materiais e energia.

Terceiro, é necessário melhorar decididamente a qualidade da produção.

Temos, em quarto lugar, que satisfazer cada vez mais plenamente as necessidades da economia nacional em quadros altamente qualificados.

Depois, fala-se no Informe sobre as orientações fundamentais do fomento dos diferentes ramos da economia nacional no novo quinquênio.

### III - Algumas questões do desenvolvimento do modo de vida socialista.

Assim como o socialismo é a forma superior do regime social em comparação com o capitalismo, também o modo de vida socialista é incomparavelmente mais rico e mais

## OUTUBRO DE 1976: IX MÊS NACIONAL DE FINANÇAS

### Colaborar financeiramente com o P.C.B. é importante forma de lutar contra o fascismo no Brasil

O mês de outubro, como já se tornou tradição em nosso Partido, marca o início da campanha do IX Mês Nacional de Finanças.

Dentre as diferentes formas de lutar contra o fascismo no Brasil, a organização da campanha de finanças é uma das tarefas de maior importância.

Para levar à prática a política de nosso Partido, em nosso trabalho de massas, na organização da luta em torno da Plataforma Antifascista e Patriótica, para a execução do trabalho de agitação e propaganda que atinja o povo brasileiro são indispensáveis recursos financeiros.

Por isso mesmo, a organização das finanças, tanto regulares como em suas campanhas, torna-se questão política fundamental para todo militante comunista.

Sem o apoio financeiro é difícil levar adiante e manter a continuidade das tarefas políticas de nosso Partido.

Cada organização de comunistas, cada militante do P.C.B. deve — coletiva ou individualmente — dar início à campanha do MÊS NACIONAL DE FINANÇAS. Organizá-la cuidadosamente, de forma a atingir a todos aqueles que se opõem ao fascismo em nossa Pátria. Fazer da campanha de finanças um trabalho político de esclarecimento das massas sobre o que se passa no Brasil e a maneira de transformar este estado de coisas: unificar e organizar todas as forças democráticas em torno da Plataforma Antifascista proposta pelo P.C.B.

TODOS A ORGANIZAÇÃO DO MÊS NACIONAL DE FINANÇAS!



**continuação da pag. 5**

humano que o modo de vida na sociedade capitalista. Brilhante expressão da política do Partido na esfera da sucessiva consolidação do modo de vida socialista, da solicitude do Partido pelo indivíduo, é o programa de elevação do nível de vida do povo, aprovado em dezembro de 1972, do CC do PCB.

No sexto quinquênio os ingressos reais da população aumentaram em 32,4%, contra 25 a 30% de crescimento previsto pelas diretivas. O salário mínimo aumentou de 65 levas, em 1970, para 80 levas, em 1975, enquanto que o salário nominal mensal médio elevou-se de 124 levas a 146 levas. Quase iguaram-se os ingressos nominais dos camponeses cooperativistas com os dos operários e os empregados.

Prevê-se que em 1980 o salário nominal terá uma média mensal de 170 levas e o mínimo de 90 levas.

A luta por elevar o bem-estar do povo, por satisfazer o bem-estar do povo, por satisfazer cada vez mais plenamente as crescentes necessidades de mercadorias e serviços, por melhorar o meio ambiente não se trata de «focalização consumista» nem de um «aburguesamento» do povo. Para nós, para nosso Partido esta é uma condição para garantir a saúde e a longevidade do povo, para o multilateral florescimento físico e espiritual do indivíduo.

**IV - A situação do Partido e suas tarefas.**

No lapso de tempo entre os dois Congressos, o número de filiados ao Partido aumentou de 90.320 pessoas, alcançando sua militância total a cifra de 789.796 membros, agrupados em 28.850 organizações de base. Do número global de membros do Partido, os operários constituem 41,4% e as mulheres 27,5%. As três quartas partes dos novos filiados são jovens. 70% dos comunistas trabalham na produção material, enquanto que de cada três profissionais e engenheiros, um é membro do Partido.

Ante toda a nossa frente ideológica eleva-se a mesma,

sempre nova e exclusivamente importante tarefa de travar uma luta ofensiva sem compromisso contra a ideologia burguesa.

A luta entre as ideologias comunista e burguesa não se circunscreve ao quadro de países isolados. Por isso, saudamos, como um grande êxito a intensificação da cooperação ideológica entre os países da comunidade socialista.

**V - A edificação da sociedade socialista desenvolvida e a preparação para a transição gradual ao comunismo, tarefa histórica imediata do Partido Comunista Búlgaro.**

O período até 1990 é um período de novas e profundas mudanças qualitativas e quantitativas em todos os domínios do desenvolvimento social da Bulgária, mudanças que conduzirão gradualmente à construção da base material e técnica do socialismo, ao sucessivo aperfeiçoamento das relações sociais, ao desenvolvimento multilateral do indivíduo. A Bulgária converteu-se, em traços gerais, em país socialista desenvolvido.

Para que este processo se dê de forma planificada e eficaz no tempo mais breve possível — o que é de uma importância substancial, tanto do ponto-de-vista interno, como do ponto-de-vista da emulação entre os dois sistemas sócio-econômicos — o Partido e os trabalhadores devem dar a maior atenção à solução de alguns problemas importantíssimos da edificação da sociedade socialista desenvolvida.

O primeiro problema, entre os que merecem atenção particular, é o de criar a base material e técnica do socialismo.

O segundo problema importante é o de desenvolver o homem, força produtora principal que constitui e põe em ação a base material e técnica.

O terceiro problema refere-se ao amplo desenvolvimento da crítica e autocrítica em toda a sociedade.

O quarto problema diz respeito à ampliação e aprofundamento da integração com os países socialistas irmãos, à ampliação consequente da

orientação de aproximação multilateral da Bulgária à URSS.

O quinto problema é o problema da educação partidária no espírito de classe, patriótico e internacionalista do povo, da juventude. Os processos objetivos que se operam na vida do país e da comunidade socialista mundial conduzem a mudanças qualitativas no conteúdo, tanto do patriotismo como do internacionalismo.

No espírito do Programa do Partido, o XI Congresso do PCB formulará as tarefas para o período seguinte, cuja realização aproximará ainda mais nosso país do objetivo histó-

rico do Partido. Surgirão cada dia com maior relevo na vida da Bulgária elementos inerentes à fase do comunismo, afirmar-se-ão e desenvolver-se-ão as premissas para passar gradualmente à edificação do comunismo.

O Primeiro Secretário do CC do PCB exortou a todos os comunistas da Bulgária e a seus fiéis aliados, os militantes da União Popular Agrária Búlgara, a todos os trabalhadores do socialismo a trabalhar com inspiração e abnegação no cumprimento das resoluções do XI Congresso do PCB, em bem do povo, em benefício dos nobres ideais do comunismo.

**APELO DE ESTOCOLMO**

O CONSELHO MUNDIAL DA PAZ chama a todos os governos e parlamentos, a todos os movimentos de paz e demais movimentos, a todos os partidos políticos, sindicatos, organizações juvenis e de mulheres, as organizações religiosas, culturais e sociais a que se esforcem por fazer progredir a humanidade, a se unirem numa nova ofensiva internacional contra a guerra armamentista.

Para tornar irreversível a distensão:

**BASTA! À CORRIDA ARMAMENTISTA!**

Para progredir rapidamente no sentido de uma nova ordem econômica internacional:

**BASTA! À CORRIDA ARMAMENTISTA!**

Para defender a paz e construir um mundo novo:

**BASTA! À CORRIDA ARMAMENTISTA!**

TODOS JUNTOS pela proibição de todas as armas nucleares e demais armas de destruição em massa!

TODOS JUNTOS pelo desarmamento geral e completo!

TODOS JUNTOS pela convocação imediata pelas Nações Unidas da

CONFERENCIA MUNDIAL DO DESARMAMENTO!

**ELEIÇÕES MUNICIPAIS: UM NÃO AO REGIME!**



# CNUCED IV: O FRACASSO DA ORDEM CAPITALISTA MUNDIAL

Reuniu-se em maio último, em Nairobi, capital de Quênia, a quarta sessão de Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento, a CNUCED IV.

Os debates que ali se travaram são sintomáticos da profundidade das brechas abertas no edifício do capitalismo internacional, baseado sobre pilhagem das nações e sobre a exploração dos trabalhadores por um grupo reduzido de monopólios, pudicamente denominados «firmas multinacionais».

Até alguns anos atrás as teorias sobre o desenvolvimento econômico mais difundidas entre nós eram elaboradas pelos arautos dos monopólios. Segundo eles, o livre jogo do mercado deveria automaticamente levar à criação de uma divisão internacional do trabalho vantajosa em todos os países, desenvolvidos ou subdesenvolvidos, que a elas se submetem. Era só ter paciência para esperar, que a Shell, a General Motors, a United Fruit e suas consortes fariam reinar a felicidade entre os povos do mundo. Quem falasse em defesa de preços de matérias primas, em controle às remessas de lucros, em defesa dos recursos econômicos nacionais, estaria cometendo grave crime contra a razão humana.

Na prática, tais teorias são consagradas por acordos que regulamentam as trocas e as tarifas aduaneiras entre países capitalistas, como é o caso do GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio).

Ora, todos esses sistemas funcionaram e funcionam em favor dos interesses dominantes nas economias capitalistas mais desenvolvidas.

Muito da igualdade de oportunidades, no livre jogo econômico, entre países imperialistas e países dominados pelo imperialismo tem tido como resultado a agravamento da situação econômica e social dos países do Terceiro Mundo. A dominação imperialista impõe-se como uma camisa de força que tolhe

e deforma o desenvolvimento econômico desses países, atenta contra sua soberania nacional.

A crise em que se debate atualmente o mundo capitalista não poupa os países do Terceiro Mundo. Pelo contrário a ação das multinacionais, para escapar aos seus efeitos mais imediatos consiste em exportar a crise, jogá-la para a frente.

Essas firmas controlam a maior parte dos circuitos de comercialização e, frequentemente, de produção das mercadorias exportadas pelos países em vias de desenvolvimento. São elas que impõem os preços sobre os mercados mundiais de matérias primas, assim como os preços que regulam as trocas entre filiais de uma mesma firma.

O déficit exterior global dos países subdesenvolvidos elevava-se a 11 bilhões de dólares em 1973. Ele passa a 30 bilhões em 1974 e a 40 bilhões em 1975. Dois terços deste aumento podem ser atribuídos à deterioração das relações de troca, isto é, à baixa dos preços das matérias primas e ao aumento dos preços dos produtos manufaturados graças à inflação que assola as economias capitalistas desenvolvidas. O terço restante vem do fato de que a inflação acompanha uma grave recessão, que faz com que os países imperialistas diminuam suas importações de matérias primas.

A crise atual vem confirmar a incapacidade deste sistema de relações econômicas para assegurar o desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. Por outro lado, a modificação da relação de forças no plano internacional, o fortalecimento do mundo socialista e as novas possibilidades abertas à cooperação entre os países, a emergência ao poder de Estado de um número crescente do movimento de libertação nacional, assim como o avanço das forças anti-monopolistas nos países imperialistas fazem com que um vento de novidades so-

pre sobre encontros como o CNUCED.

Vai ficando para trás o tempo do «amém» e do «sim senhor».

O exemplo dos países produtores de petróleo frutificou. Criou-se uma corrente numerosa e diversificada de Estados que, em maior ou menor medida, reivindicam uma nova ordem econômica internacional que elimine os obstáculos que se opõem ao desenvolvimento dos países mais desfavorecidos. No centro dos debates do CNUCED IV estão as propostas que visam a este objetivo e que, por isso mesmo, colocam os monopólios internacionais no devido lugar, isto é, no banco dos réus. A curto prazo, trata-se de proteger os países em via de desenvolvimento contra os efeitos da crise do sistema capitalista. A longo prazo, procura-se criar condições que favoreçam o seu desenvolvimento econômico.

Destacamos três aspectos da estratégia proposta a longo prazo: redução e em seguida eliminação do papel preponderante das empresas multinacionais na produção e na comercialização dos produtos do Terceiro Mundo, aumento da produção e da exportação de produtos industriais por estes países; reforço da cooperação econômica e comercial entre os países em vias de desenvolvimento; instauração de um sistema de gestão mundial dos recursos, tendo em vista a estabilização dos mercados internacionais.

É claro que esta estratégia implica na escolha de uma política de desenvolvimento independente, baseada no aproveitamento máximo dos recursos internos e orientada, prioritariamente, para a satisfação das necessidades das populações locais.

Os países do Terceiro Mundo formulam igualmente uma série de exigências precisas no que diz respeito às regras do jogo: acesso preferencial para os seus produtos aos mercados

de países desenvolvidos, ampla transferência de tecnologia segundo modalidades menos onerosas, regulamentação das práticas expropriativas das multinacionais, acesso mais fácil ao mercado de capitais internacionais.

Se as propostas a longo prazo revelam o amadurecimento do desejo de emancipação na consciência dos povos, as propostas a curto prazo, animaram o essencial dos debates. Elas sugerem a criação de um fundo global de estabilização das matérias primas e a redução geral da dívida do Terceiro Mundo.

Para as matérias primas, os países subdesenvolvidos pedem preços estáveis, justos e remuneradores. A exigência é natural: as matérias primas constituem 75% das receitas externas nesses países e o poder de compra de nossas exportações no mercado mundial diminuem, respectivamente em 1974 e 1975, de 5% e de 16% em relação a 1974. Por isso, o Terceiro Mundo reclama a criação de um fundo financeiro global de estabilização das matérias primas de 3 bilhões de dólares, assim como a constituição de estoques reguladores. Exige também a fixação de preços flexíveis para seus produtos, que levem em conta a inflação mundial e o conseqüente encarecimento dos manufaturados.

Os países desenvolvidos, em particular os EUA, a Alemanha Federal, a Inglaterra e o Japão se opuseram de início a toda negociação global, que impedisse o livre funcionamento das sagradas leis do mercado. Saiu-se do impasse com a proposição financeira de negociações para a estabilização de produto por produto, que deve se prolongar até fins de 1978. A lista dos produtos a serem negociados cobre 60% das exportações do Terceiro Mundo. Quanto ao fundo central de estabilização, ele somente será discutido em março de 1977, tendo os Estados Unidos já ma-

à pag. 8



## SOB A DITADURA DOS MONOPÓLIOS

**Mais trabalho e menos salario para o povo brasileiro**

Sob a ditadura dos monopólios, os trabalhadores brasileiros têm de trabalhar cada vez mais para receberem cada vez menos. É o fenômeno da pauperização, que pode ser absoluta ou relativa. O Brasil é o caso limite: a brutalidade da exploração da mão-de-obra é tamanha que não há paralelo na América Latina, nem na Europa.

Sem sindicatos livres para se poderem defender, os trabalhadores sofrem a repressão da ditadura do grande capital financeiro nacional e internacional. Esta situação reflete-se em todos os setores da vida social, como a quantidade espantosa de acidentes de trabalho (com o aumento das horas extraordinárias a que os trabalhadores são obrigados), a criminalidade e a delinquência, a fome e a subnutrição, as epidemias e o aumento das taxas de mortalidade infantil (94 em cada mil nascidos vivos na cidade de São Paulo).

Há pouco tempo, no 1º de Maio, o ditador Geisel decretou um novo aumento do salário-mínimo. Este passou de 575 para 768 cruzeiros. Com essas quantias miseráveis, os assalariados brasileiros vivem na penúria: 14,7 por cento ganha apenas a metade do valor legalmente estabelecido e 28,7 por cento ganha de meio a um salário-mínimo. Assim, 43,4 por cento dos assalariados têm de sobreviver com escassos recursos por mês, (ver tabela anexa).

Em 1938, o então presidente Getúlio Vargas fez um decreto-lei definindo a quantidade mínima de alimentos que um trabalhador adulto necessitaria de consumir para sobreviver e poder trabalhar. É a ração fixada à classe operária para que ela mantenha e reproduza a força de trabalho.

Hoje, o brasileiro tem de trabalhar 182 horas e 11 minutos por mês para conseguir comer ração, considerada essencial de acordo com a lei em vigor. Se ele for casado, terá de trabalhar 364 horas e 22 minutos por mês, ou seja o dobro. Se ele ainda tiver dois filhos menores precisará trabalhar 546 horas e 33 minutos (supondo que dois menores comam o mesmo que um adulto). Mas o mês tem 720 horas. Nas 174 horas restantes, ele ainda terá de trabalhar mais para pagar a renda da casa, os transportes, os remédios, o vestuário, etc. Conclusão: esse trabalhador não dorme e ainda precisaria de trabalhar mais horas do que aquelas que existem no mês!

O cálculo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) mostra perfeitamente a brutalidade a que está submetida a classe operária brasileira e o aumento da taxa de exploração nos últimos onze anos. Em dezembro de 1965, trabalhando 87 horas e 20 minutos por mês, o trabalhador podia comer a sua ração essencial.

Em Março de 1976 são precisas 182 horas e 11 minutos de trabalho para comer a mesma coisa.

**DISTRIBUIÇÃO DOS ASSALARIADOS POR CLASSE DE SALÁRIO-MÍNIMO**

salário	pessoal ocupado	percentagem
até 1/2 salário-mínimo	2.482.005	14,7%
mais de 1/2 até 1 sal. min.	4.845.487	28,7%
mais de 1 até 2 sal. min.	4.890.251	29,0%
mais de 2 até 3 sal. min.	1.963.026	11,6%
mais de 3 até 5 sal. min.	1.380.815	8,2%
mais de 5 até 7 sal. min.	490.815	2,9%
mais de 7 até 10 sal. min.	386.582	2,3%
mais de 10 até 15 sal. min.	228.335	1,3%
mais de 15 até 30 sal. min.	163.831	1,0%
mais de 30 sal. min.	39.186	0,2%
não declarado	19.212	0,1%
<b>Total</b>	<b>16.889.545</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Fundação IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 4º trimestre de 1973.

**VOLUME DE HORAS NECESSARIAS PARA COMPRAR A RAÇÃO ESSENCIAL (base: Min. de São Paulo)**

produtos	quantidade	dez/1965	mar/1976
Carne	6,0 kg	26 h 24 m	54 h 19 m
Leite	7,51 kg	04 h 15 m	06 h 45 m
Fajão	4,5 kg	07 h 08 m	21 h 15 m
Arroz	3,0 kg	03 h 45 m	07 h 38 m
Farinha de Trigo	1,5 kg	02 h 23 m	01 h 40 m
Batata	6,0 kg	07 h 36 m	09 h 55 m
Tomate	9,0 kg	08 h 24 m	21 h 54 m
Pão	6,0 kg	07 h 48 m	18 h 02 m
Pó de Café	0,6 kg	00 h 46 m	08 h 55 m
Banana	7,5 duzias	04 h 00 m	15 h 43 m
Açúcar	3,0 kg	03 h 48 m	03 h 10 m
Manteiga	0,75 kg	07 h 19 m	03 h 23 m
Banha	0,75 kg	03 h 44 m	09 h 32 m
<b>Total</b>		<b>87 h 20 m</b>	<b>182 h 11 m</b>

Fonte: Decreto-Lei nº 399, de 30/4/38 (produto e quantidade); Preços médios no Município de São Paulo levantados pelo DIEESE (cálculo das horas).

*continuação da pag. 7*

nifestado sua profunda antipatia pela idéia.

Outro problema crucial na ordem do dia da CNUCED, foi a enorme dívida externa dos países subdesenvolvidos, avaliada em 150 bilhões de dólares em fins de 1975 pelo Chase Manhattan Bank. O Chase Manhattan conhece bem o assunto, pois essa dívida externa representa um negócio de ouro para os banqueiros internacionais. Como os empréstimos públicos dos países capitalistas são insuficientes para atender às necessidades financeiras dos países em desenvolvimento, estes são obrigados cada vez mais a recorrer a empréstimos particulares que são muito mais onerosos. Segundo o Banco Mundial, o endividamento privado do Terceiro Mundo passa de 28,9% de seu endividamento total, em 1967, a 32,4%, em 1973. E em 1975 cerca da metade dos lucros dos grandes bancos privados de Nova Iorque provinham de créditos concedidos a países subdesenvolvidos.

Ameaçados de estrangulamento externo, os países do Terceiro Mundo pediram uma moratória das dívidas dos países mais pobres e mais atingidos pela crise e uma redução da dívida dos demais. A CNUCED não trouxe nenhuma solução prática para este problema, a não ser uma vaga promessa de nova discussão do tema no futuro.

Pode-se dizer, examinando os resultados do CNUCED IV, que a montanha pariu um rato. Conseguiu-se alguma coisa no que tange à estabilização dos preços de matérias primas, sendo os demais adiados. O mais importante nessa reunião, como nas que lhe antecederam, foi o fato de al se refletir o descontentamento crescente dos povos oprimidos pelo grande capital monopolista imperialista, de um lado, e a determinação egoísta dos grandes impérios do capital em continuar a transferir para seus cofres o fruto do trabalho de milhões de seres que habitam o chamado «Terceiro Mundo».

**BASTA COM A ESPOLIACÃO IMPERIALISTA!**